

## MORFOLOGIA FLEXIONAL E MOVIMENTO DO VERBO EM PORTUGUÊS: POR UMA ANÁLISE UNIFICADA A PARTIR DA PROPOSTA VICKNERIANA

Cláudia Roberta Tavares Silva\*

### Resumo

Adotando para a análise o modelo de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY, 1981, 1986, 1991 e seguintes), discutiremos neste artigo a relação entre a morfologia de flexão verbal (AGR) e o movimento do verbo na sintaxe do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE). Caracterizaremos a riqueza dessa morfologia, partindo da proposta de Galves (2001), através da qual será possível verificarmos que o AGR do PB é pobre, ao contrário do PE. Ademais, argumentaremos, a partir da proposta de Vikner (1997), que não há assimetria quanto à riqueza de AGR no PB e no PE no que se refere à morfologia que motiva o movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup>. Em suma, concluiremos que morfologia rica que licencia e identifica sujeitos nulos não tem a ver com morfologia rica que motiva o movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup>, tomando por base a proposta de Vikner (1997).

**Palavras-chave:** morfologia flexional; movimento do verbo; português

This paper shows the relation between verbal inflection morphology (AGR) and verb movement in Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP). For this purpose, we adopt the Principles and Parameters framework (cf. CHOMSKY, 1981, 1986, 1991 and on). We characterize the richness of this morphology based on Galves' (2001) proposal. Then, it will be possible to verify that in BP we have an impoverished AGR, but not in EP. Furthermore we will argue based on Vikner's (1997) proposal that there is no asymmetry regarding richness of AGR in BP and EP that triggers V<sup>o</sup>-to-I<sup>o</sup> movement in these languages. In sum we conclude that rich morphology that licenses and identifies null subjects is not related to the richness of morphology that triggers V<sup>o</sup>-to-I<sup>o</sup> movement following Vikner's (1997) proposal.

**Keywords:** inflectional morphology, verb movement, portuguese

### Introdução

Assumindo com Rizzi (1988, 1997) que a fixação positiva do valor do parâmetro do sujeito nulo por uma língua, cuja posição pré-verbal do sujeito pode ser ocupada, sempre que possível, por pronomes referenciais foneticamente nulos (*Princípio Evite Pronome* (CHOMSKY, 1981)), tem a ver com a morfologia de flexão verbal rica no que concerne às especificações gramaticais fornecidas pelos morfemas a cada pessoa do paradigma flexional nessa língua, ao contrário de uma língua em que esses pronomes têm que ser foneticamente realizados, desenvolveremos neste artigo uma análise sobre a riqueza de AGR no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE), a fim de discutirmos as implicações dessa riqueza para esse parâmetro.

A partir de algumas evidências empíricas do PB, refutaremos, por um lado, a hipótese da binaridade do parâmetro supracitado assumida por Rizzi (op. cit.), tendo em vista essa língua não possuir algumas das propriedades das línguas de sujeito nulo prototípicas, como o catalão e

---

\* Doutorado em Linguística – UFRPE - [claudiarobertats@hotmail.com](mailto:claudiarobertats@hotmail.com); [claudinharoberta@ig.com.br](mailto:claudinharoberta@ig.com.br)

o italiano, o que a caracteriza como uma língua de sujeito nulo residual (OLIVEIRA, 2000), em outras palavras, uma língua *semi-pro-drop* (SILVA, 2004). Por outro lado, assumiremos que o PE é uma língua de sujeito nulo prototípica por razões relacionadas à riqueza de sua morfologia flexional que licencia e identifica sujeitos nulos referenciais em condições estruturais específicas, diferentemente do PB, e que, por sua vez, permite a inversão sujeito-verbo com todos os tipos de verbos, uma das propriedades que serve de evidência substancial para caracterizar línguas de sujeito nulo como o italiano (BURZIO, 1986; BELLETTI, 1988), o espanhol (KATO, 1999) e o grego (ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU, 1998).

De mais a mais, partindo dos contextos estruturais no PB e no PE, argumentaremos que a morfologia rica que licencia e identifica sujeitos nulos referenciais nos termos adotados por Rizzi (1988, 1997) não está relacionada à morfologia rica que motiva o movimento visível de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> na sintaxe, ao contrário do que é proposto por Gonçalves (1994). Para tanto, assumiremos a proposta de Vikner (1997) de que línguas que possuem morfologia de pessoa em todos os tempos verbais têm esse movimento. Esse é o caso do PB e do PE, o que implica desenvolvermos uma análise unificada para a riqueza de AGR que legitima a subida de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup>.

Para realizarmos a análise, este artigo encontra-se organizado da seguinte forma: primeiramente, serão apresentadas, tomando por base a análise de Galves (2001), evidências de que há assimetria entre o PB e o PE no que concerne à riqueza de AGR, o que tem gerado implicações para o licenciamento e identificação de sujeitos nulos, bem como para a posição dos sujeitos; em um segundo momento, tomando por base a proposta de Vikner (1997), argumentaremos a favor de uma análise unificada para essas línguas no que se refere à riqueza da morfologia de flexão verbal que motiva o movimento do verbo e, por fim, serão apresentadas as considerações finais.

### **Morfologia Flexional e Parâmetro do Sujeito Nulo: *Locus* de Assimetria entre o Português Brasileiro e o Português Europeu**

Caracterizar a riqueza de AGR na gramática das línguas naturais tem sido um dos empreendimentos por parte de gerativistas que se debruçam em investigar a interface sintaxe-morfologia, haja vista assumirem que variações morfológicas ocasionam variações sintáticas no que concerne, por exemplo, ao licenciamento e identificação de sujeitos nulos referenciais em posição pré-verbal e ao movimento visível de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> na sintaxe (cf. GALVES, 2001, VIKNER, 1997, dentre outros).

É imprescindível, num estudo que vise caracterizar a riqueza de AGR na gramática de uma dada língua particular, a análise de como se comporta o paradigma de flexão verbal nessa língua. Para tanto, caracterizaremos essa riqueza na gramática do PB e do PE, tomando por base os seguintes paradigmas extraídos de Galves (2001, p. 103):

(1)

PB	PE
Eu canto	Eu canto
-----	Tu cantas
Você/ ele canta	Você/ ele canta
Nós cantamos	Nós cantamos
-----	-----
Vocês/ eles cantam	Vocês/ eles cantam

**Tabela 1:** Verbo *cantar* conjugado no presente do indicativo no PB e no PE

A autora, visando caracterizar a riqueza de AGR, propõe a existência de duas noções de pessoa na Gramática Universal: pessoa semântica e pessoa sintática, valendo pontuarmos que sua explicação baseia-se unicamente na especificação gramatical dos morfemas que distinguem as pessoas do discurso ou no singular ou no plural. Portanto, é assumido que, na gramática de uma língua particular, há pessoa semântica quando, para cada pessoa do discurso, há um morfema que a especifique gramaticalmente ou no singular ou no plural, ao passo que a existência da pessoa sintática decorre do fato de só ser possível estabelecer combinação entre traços binários relativos à pessoa e ao número que serão marcados com valores positivos e negativos, conforme apresentado em (2):

- (2) [+pessoa] [-número]
- [-pessoa] [-número]
- [+pessoa] [+número]
- [-pessoa] [+número]

Em sua pesquisa, ao trabalhar apenas com os paradigmas do PB e do PE, Galves (2001)<sup>1</sup> conclui que no primeiro a pessoa é sintática, sendo o AGR pobre, em virtude de haver combinação de traços binários de número e pessoa, ao passo que, no segundo, a pessoa é semântica, sendo, por conseguinte, o AGR rico: no singular há distinção entre as três pessoas do discurso, conforme apresentado no paradigma em (1).

A partir da caracterização supracitada, observamos que há uma assimetria no que concerne à legitimação de sujeitos nulos e plenos nas duas línguas, tomando por base o parâmetro do sujeito nulo, o que vai na direção de Rizzi (1997): línguas com morfologia pobre (exemplo: inglês, francês) não legitimam sujeitos nulos referenciais por não fixarem positivamente o valor desse parâmetro (línguas *não-pro-drop*), ao contrário de línguas com morfologia rica (ex.: espanhol, italiano) (línguas *pro-drop*). Em relação ao PB, argumentaremos que se comporta como uma língua *semi-pro-drop* (SILVA, 2004) em virtude de compartilhar propriedades de línguas *pro-drop* e *não-pro-drop*.

Em sua pesquisa, Duarte (2000)<sup>2</sup> verifica que no PB há uma frequência substancial do preenchimento da posição pré-verbal do sujeito com pronomes plenos, ao contrário do PE: primeira pessoa (74% (PB), 35% (PE)); segunda pessoa (90% (PB), 24% (PE)), e terceira pessoa (58% (PB) e 21% (PE)).

Ademais, realizando um estudo diacrônico<sup>3</sup>, Duarte observa, ao longo de sete períodos da história, que o PB está sofrendo um processo de mudança paramétrica no que concerne à fixação dos valores do parâmetro de sujeito nulo deixando de ser uma língua *pro-drop* para ser uma língua *não-pro-drop*<sup>4</sup>, conforme evidenciam os resultados percentuais relativos à presença de sujeitos pronominais plenos: 1845 (20%), 1882 (23%), 1918 (25%), 1937 (46%), 1955 (50%), 1975 (67%) e 1992 (74%). Com base nesses resultados, é assumido pela autora que, nos três primeiros períodos, os sujeitos realizados foneticamente eram pouco produzidos na gramática do PB em virtude de a morfologia de flexão verbal ser ainda rica, ao passo que, do quarto período

<sup>1</sup> Galves (2001, p. 124) ainda verifica que alguns dialetos do PB “mostram contraste apenas entre a primeira pessoa do singular e todas as outras: *eu canto/ você, nós, eles canta*”.

<sup>2</sup> Os resultados obtidos pela autora correspondem ao PB e ao PE contemporâneos.

<sup>3</sup> O *corpus* da pesquisa diacrônica de Duarte (2000) compõe-se de frases extraídas de peças teatrais populares produzidas ao longo dos sete períodos da história investigados.

<sup>4</sup> “[...] the results attempting to trace the course of a parametric change in progress in Brazilian Portuguese (PB), which is evolving from a null to a non-null subject language.” (DUARTE, 2000, p. 17)

em diante, começa a haver uma forte tendência ao preenchimento da posição sujeito em decorrência do enfraquecimento de AGR.

Gonçalves (1994), ao analisar o parâmetro do sujeito nulo na gramática do PE, argumenta que as estruturas frásicas com sujeitos nulos referenciais tais como: “*Fomos à universidade./ Comeste o bolo*”. correspondem ao caso não-marcado nessa língua. Em se tratando de sujeitos preenchidos, a autora argumenta que estão submetidos à seguinte restrição: quando licenciados, recebem uma certa ênfase, geralmente, uma leitura contrastiva que os opõe a outros sujeitos pragmaticamente possíveis no domínio do discurso. Disso resulta a formulação da seguinte hipótese: “[...] a omissão do sujeito não é opcional em português” (grifo da autora da citação).

Torres Moraes (2003), indo na mesma direção de Gonçalves (1994), constata, em frases extraídas de anúncios e entrevistas retirados de revistas portuguesas, que sujeitos preenchidos no PE recebem interpretação contrastiva em relação a outros sujeitos pragmaticamente possíveis no domínio do discurso, conforme ilustra o trecho da seguinte entrevista no qual “os pronomes referenciais em função de sujeito são contrastivos, pondo em destaque elementos relevantes em uma situação comparativa” (TORRES MORAES, 2003):

(3) DNA: A sua mulher apoiou-o no seu trabalho?

E.G. Não. *A minha mulher* no início não gostava nada da minha profissão. *Ela* fez de pai e mãe quando *os meus filhos* eram pequenos. *Eu* viajava muito e não a acompanhava quando *eles* estavam doentes, etc. *Ela* era professora e tinha de se desdobrar para atender a tudo. Acho que fui sempre um mau pai. Nunca dei a assistência que *eles* mereciam, porque isso é uma obsessão doentia. (DNA, 05.02.00)

Contrariamente ao PE, no PB os sujeitos preenchidos que ocupam a posição de sujeito não estão submetidos à restrição de receberem interpretação contrastiva:

(4)a. Se *a casa* não for reformada, *ela* vai cair aos pedaços.

(TORRES MORAES, 2003)

b. *Nova Trento<sub>i</sub>* é do tamanho da rua São Clemente de Botafogo. *Ela<sub>i</sub>* é desse tamanho. *Ela<sub>i</sub>* não tem paralelas.

c. *Você* quando *você* viaja, *você* passa a ser turista. Então *você* passa a fazer coisas que *você* nunca faria no Brasil.

(DUARTE, 2000)

Com base nos contrastes acima observados entre o PE e o PB, somos levados a argumentar que, por razões relacionadas ao enfraquecimento da morfologia flexional no PB, a posição pré-verbal do sujeito tende a ser geralmente preenchida pela duplicação do sujeito por um pronome co-referente. Costa e Galves (2002) observam que no PE a frase (5a) é marginal e (5b) é agramatical quando há essa duplicação:

(5)a. *A Clarinha<sub>i</sub> ela<sub>i</sub>* cozinha que é uma maravilha. (??PE OKPB)

b. Eu acho que o povo *brasileiro<sub>i</sub> ele<sub>i</sub>* tem uma grave doença. (\*PE OKPB)

Nas construções com duplicação do sujeito também analisadas por Duarte (2000), fica evidenciado que não há restrições de ordem prosódica, sintática e semântica no PB: a) entre os sujeitos e os pronomes que os duplicam pode haver ou não uma pausa; b) sujeitos duplicados

podem ocorrer em frases matrizes e em encaixadas, e c) eles podem ser indefinidos, quantificados ou arbitrários.

Analisando, agora, as frases em (6), tanto o PB quanto o PE licenciam sujeitos nulos expletivos, o que, por sua vez, corrobora a hipótese de Pratas (2004) de que esse licenciamento não tem a ver com a riqueza morfológica da flexão verbal, haja vista que o PB, embora possua o AGR enfraquecido, licencia sujeitos nulos expletivos:

- (6) a. Chove.  
a'. \*Ele chove.

O PE e o PB também permitem que o objeto direto de uma construção passiva permaneça em sua posição de base (cf. (7)). Contudo, só no PE é possível que o argumento externo de verbos transitivos e inergativos permaneça em Spec, VP (cf. (8) e (9)), estando a inversão sujeito-verbo no PB restrita aos contextos monoargumentais, em particular, aos contextos inacusativos (cf. (10)):

- (7) Foi convidado um estudante para a festa.

(RAPOSO, 1992, p. 483)

- (8)a. Comeu a sopa o Paulo  
b. Comeu o Paulo a sopa.

(COSTA, 2000, p. 2)

- (9) Telefonou o Manuel/ um amigo.

(BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 447)

- (10)a. Chegou o trem.  
b. ?Telefonou o cliente.  
c. \*Assinou uma carta o chefe do departamento.  
d. \*\*Enviou uma carta a todos o presidente da associação.

(KATO, 1999, p. 1)

No PE, de forma similar ao PB, argumentos internos de verbos inacusativos também podem permanecer em sua posição de base, conforme ilustra a frase (11):

- (11) Entrou um aluno na reunião.

Não obstante, um fato curioso é verificado em relação ao PB. Enquanto essa língua assemelha-se ao caboverdiano, ao inglês e ao francês pelo fato de a inversão sujeito-verbo estar restrita aos contextos inacusativos, a única diferença entre elas reside no fato de que, nas três últimas línguas, o DP pós-verbal subcategorizado pelo verbo inacusativo tem de ser indefinido (cf (12)), ao passo que no PB, de forma similar ao PE, o DP pós-verbal pode ser definido e indefinido (cf. (13b)), podendo ser modificado por quantificadores universais (cf. (13a)), o que contraria a proposta de Belletti (1988):

- (12) *Caboverdiano*:  
a. (dja) Txiga tres algen.  
“(Já) Chegaram três pessoas.”  
a'. \*(dja) Txiga Juau.”  
“(Já) Chegou o João.”

*Inglês:*

- b. There arrived a man/\*the man/\*every man.  
“Chegou um homem/\*o homem/\*todo homem.”

*Francês:*

- c. \*Il est arrivé un homme/ \*l’homme.  
“Chegou um homem/\*o homem.”

(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU, 1998. p. 512)

- (13)a. Nesse jantar apareceram *todos* os meus amigos.

(AMBAR, 1992, p. 127)

- b. Chegou o João/ um garoto.

Face ao enfraquecimento de AGR no PB (4 distinções), ao contrário do PE (5 distinções) (cf. paradigmas em (1)), ficou evidenciado que a natureza de AGR em ambas as línguas tem implicações para o licenciamento e identificação de sujeitos nulos, bem como para a posição dos sujeitos: no PE, por exemplo, a posição Spec, VP é uma posição legítima para hospedar argumentos externos de verbos transitivos e inergativos, uma opção não prevista na gramática do PB, o que implica no forte aumento de sujeitos referenciais realizados foneticamente ocupando a posição pré-verbal. No PE, ao contrário, sendo AGR ainda rico, sujeitos nulos referenciais são ainda bastante produtivos em satisfação ao Princípio *Evite Pronome*<sup>5</sup>.

Em suma, a partir das evidências empíricas apresentadas nesta seção, é plausível verificarmos que a hipótese da binaridade do parâmetro do sujeito nulo pode ser refutada, tendo em vista o caráter *semi-pro-drop* do PB que se aproxima do PE, uma língua de sujeito nulo prototípica, ao mesmo tempo que se distancia desta por compartilhar algumas propriedades com línguas *não-pro-drop*, como o inglês, o francês e o caboverdiano.

### **Morfologia Flexional e Movimento do Verbo no Português Brasileiro e no Português Europeu: Por uma Análise Unificada a partir da Proposta de Vikner (1997)**

Pollock (1989), ao observar o comportamento assimétrico entre o inglês e o francês no que se refere à posição de advérbios de VP como “freqüentemente” ((*souvent* (francês), *often* (inglês)) e de quantificadores flutuantes como “todos” ((*tous* (francês), *all* (inglês))), chega a concluir que a primeira língua não possui movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> na sintaxe, ao contrário da segunda. Uma das evidências encontradas pelo autor é que, nas sentenças declarativas do inglês,

<sup>5</sup> A associação entre morfologia flexional rica e licenciamento e identificação do pronome referencial pode ser encontrada em alguns dialetos do português em que é possível o gerúndio ser flexionado, o que corrobora, mais uma vez, a presença do Princípio *Evite Pronome*. Vejam-se as seguintes frases extraídas de Lobo (2004) com o sujeito nulo relativo à segunda pessoa do singular especificada gramaticalmente pelo morfema *-s* (grifo nosso):

- (i)a. Em comendos a sopa, dou-te o bolo. (MATIAS, 1974)  
b. Deixa que o teu pai logo te diz! Molhandes aí a cabeça toda, moço dum raio! (GUERREIRO, 1968)  
c. Em querendos ir, vamos. (VILHENA, 1965)  
d. Cantas a música estendendos o chapéu (RIBEIRO, 2002)

esses advérbios e quantificadores não podem romper a adjacência entre o verbo e o seu complemento (cf. (1a) e (2a)), ao passo que no francês é obrigatória a não-adjacência entre esses constituintes (cf. (1b) e (2b)), o que implica considerarmos que o verbo se move para fora do VP nessa última língua. Vejam-se as seguintes frases extraídas de Pollock (1989, p. 367):

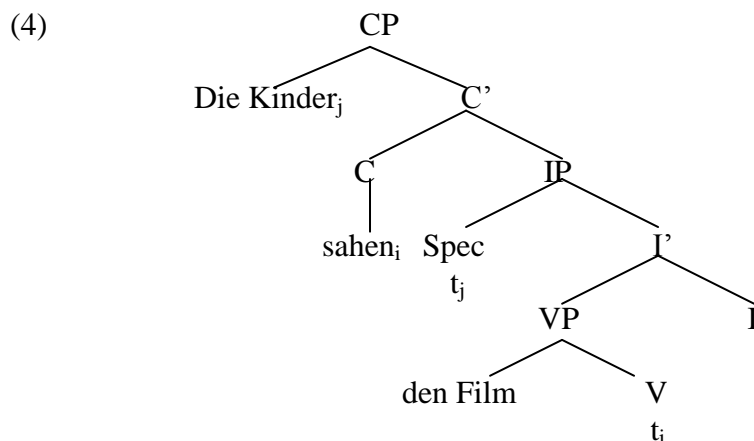
- (1)a. \*John kisses often Mary.  
“O João beija frequentemente a Maria.”  
b. Jean embrasse souvent Marie.  
“O João beija freqüentemente a Maria.”  
c. John often kisses Mary.  
“O João freqüentemente beija a Maria.”  
d. \*Jean souvent embrasse Marie.  
“O João freqüentemente beija a Maria.”
- (2)a. \*My friends love all Mary.  
“Meus amigos amam todos a Maria.”  
b. Mes amis aiment tous Marie.  
“Meus amigos amam todos a Maria.”  
c. My friends all love Mary.  
“Meus amigos todos amam a Maria.”  
d. \*Mes amis tous aiment Marie.  
“Meus amigos todos amam a Maria.”

Além de evidenciar que o verbo se move na sintaxe numa língua como o francês, o autor propõe a cisão da categoria máxima flexional IP em TP e AgrP, havendo a possibilidade de intervir entre elas a categoria máxima NegP. Segundo ele, quando entre a negação e o advérbio aparece o verbo (Neg-V-Adv), há movimento curto deste para o núcleo flexional mais baixo, ao passo que, quando o verbo ocorre antes da negação e do advérbio (V-Neg-Adv), há movimento longo do mesmo para o núcleo flexional mais alto.

No que se refere à negação, em particular, há evidência de que, nas línguas germânicas, quando o verbo sofre movimento para além do VP, ele é seguido pela negação, conforme verifica Vikner (1995, p. 154 apud FIÉIS, 2003, p. 76) numa língua como o alemão:

- (3) Gesagt daß Peter reich ist hat sie nicht.  
Dito que o-Pedro rico é tinha ela não  
“Dito que o Pedro é rico ela não tinha.”

Argumentos adicionais para a existência de movimento do verbo são apresentados em Fiéis (2003). Citando Vikner (op. cit.), também observa que em línguas V2, como o alemão, é obrigatório o movimento de V<sup>o</sup>-para-C<sup>o</sup> nas orações raízes ficando o verbo na segunda posição. Veja-se a seguinte representação extraída de Vikner (Ibid., p. 42 apud FIÉIS, op. cit., p. 74) da frase *Die Kinder sahen den Film*. (“As crianças viram o filme”):



Com base na pesquisa de Holmberg (1986) e de Schwartz e Vikner (1996), Fiéis (2003) observa que o verbo no alemão não se move para C° nas orações subordinadas quando o núcleo C está lexicalizado pelo complementador (cf. (5a)). Contudo, não sendo esse núcleo lexicalizado, o verbo aparece em segunda posição, o que implica dizer que ele se move até o núcleo funcional C (cf. (5b))<sup>6</sup>:

- (5)a. Er sagt, *daß* die Kinder diesen Film gesehen *haben*.  
 Ele diz que as crianças este filme visto têm  
 “Ele diz que as crianças viram o filme.”

(HOLMBERG, 1986, p. 43 apud FIÉIS, 2003, p. 74)

- b. Sie glaubte  $\emptyset$  dieses Brot hatte das Kind gegessen.  
 Ele julgava  $\emptyset$  este pão tinha a criança comido  
 “Ele julgava que a criança tinha comido o pão.”

(SCHWARTZ; VIKNER, 1996, p. 22 apud FIÉIS, op.cit., p. 75)

Outra evidência para o movimento do verbo é encontrada em línguas como o inglês e o PE, consideradas V2 residuais pelo fato de nas interrogativas o verbo permanecer em segunda posição. Na primeira língua, verbos auxiliares podem mover-se para I°, como é o caso do verbo *to be* (“ser, estar”) (cf. (6a)), ou para C°, quando há extração de um elemento WH-. Nesse último caso, há movimento do auxiliar *do* (cf. (6b)). Vejam-se, também, as frases em (7a) e (7b) do PE<sup>7</sup>:

- (6)a. Are you afraid?  
 “Você está com medo?”  
 b. Who did you see?  
 “Quem você viu?”

(FIÉIS, 2003, p. 75)

- (7)a. Quem encontrou o João no cinema?  
 b. A quem escreveu o Pedro?

(AMBAR, 1992, p. 58)

Face às evidências acima apresentadas sobre a existência de movimento do verbo na sintaxe, ergue-se a questão: o que motiva, portanto, esse movimento em algumas línguas e não

<sup>6</sup> Os grifos são da autora da citação.

<sup>7</sup> Para uma descrição pormenorizada dos contextos de inversão sujeito-verbo no PE em que há movimento obrigatório de V°-para-C° nas interrogativas, confira Ambar (1992).



em outras? Explicações têm surgido sob duas perspectivas de análise: a) movimento do verbo é a causa de a morfologia ser rica (POLLOCK, 1989) e b) morfologia rica é a causa do movimento do verbo (VIKNER, 1997). Neste artigo, tem sido assumida a segunda proposta.

Pollock (op. cit) argumenta que a causa do movimento do verbo em línguas como o francês tem a ver com a propriedade ligada à “transparência” do núcleo flexional Agr<sup>o</sup>, que se caracteriza como morfologicamente rico por não bloquear a transmissão das funções-θ do predicador verbal aos seus argumentos, ao contrário do inglês. Em outras palavras, o autor assume que, sendo o Agr opaco no inglês, verbos que atribuem funções-θ (nesse caso, os verbos lexicais) não podem ser movidos a esse núcleo em virtude de ele bloquear a transmissão dessas funções. Somente verbos auxiliares podem ser movidos nessa língua, tendo em vista não serem capazes de atribuir funções-θ.

Centrando sua atenção também no movimento do verbo e defensor da idéia de que “[...] syntactic properties like word order depend on morphological properties”, Vikner (1997) propõe uma explicação alternativa para caracterizar a riqueza da flexão verbal, correlacionando-a com esse movimento em sentenças declarativas finitas produzidas em algumas línguas particulares. Visando formular sua explicação para o que motiva esse movimento, o autor rediscute as seguintes hipóteses no que diz respeito à correlação entre flexão verbal e movimento do verbo:

- (8) 1<sup>a</sup>) Movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> se há qualquer flexão;
- 2<sup>a</sup>) Movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> se I<sup>o</sup> é forte (ROBERTS, 1985; KOSMEIJER, 1986; HOLMBERT; PLATZACK, 1988, 1990 e PLATZACK, 1988);
- 3<sup>a</sup>) Movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> se há distinções de pessoa (PLATZACK, 1988 e PLATZACK; HOLMBERG, 1989);
- 4<sup>a</sup>) Movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> se há morfologia de número visível distinta (ROBERTS, 1993);
- 5<sup>a</sup>) Movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> se e somente se a 1<sup>a</sup> e a 2<sup>a</sup> pessoa são distintamente marcadas (ROHRBACHER, 1994).

(VIKNER, op.cit., p. 192-196)

Segundo Vikner, a primeira hipótese é bastante simplista em sua formulação, tendo em vista que há línguas, como o inglês, que têm um paradigma flexional em que, no tempo presente, é possível distinguir a 3<sup>a</sup> pessoa do singular de todas as demais, e, no entanto, o movimento visível de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> não é permitido.

Quanto à segunda hipótese, a riqueza da flexão é determinada pelo número “substancial” de distinções no paradigma verbal, o que ergue uma problemática para caracterizar essa riqueza, conforme verifica o autor. Numa língua como o francês em que há somente três formas distintas<sup>8</sup> para os verbos regulares na primeira conjugação, o movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> é obrigatório. Veja-se na primeira coluna da tabela em (9) o paradigma verbal dessa língua construído com o verbo *écouter* “escutar”. Contudo, uma língua como o faroês, embora tenha três distinções, não possui movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> (cf. na segunda coluna da tabela em (9), o paradigma verbal construído com o verbo *hoyra* “ouvir”). Logo, uma hipótese que se baseie na determinação de um número substancial de distinções no paradigma verbal não é satisfatória para determinar esse movimento:

(9)

FRANCÊS	FAROÊS
j' écoute	eg hoyri

<sup>8</sup> É pertinente esclarecermos que o paradigma do francês apresentado corresponde à realização fonológica das pessoas gramaticais, o que implica considerar que a forma *parl* compreende um sincretismo entre as formas da 1<sup>a</sup> p. sing., 2<sup>a</sup> p. sing., 3<sup>a</sup> p. sing., e 3<sup>a</sup> p. pl., ao passo que *parl-ô* e *parl-é* correspondem à 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> p. pl., respectivamente.

tu écoutes	tú hoyrir
il écoute	hann hoyrir
nous écoutons	vit hoyra
vous écoutez	tit hoyra
ils écoutent	tey hoyra

**Tabela 1:** Paradigmas de flexão verbal do francês e do faroês no presente do indicativo extraídos de Vikner (1997)

Quanto à terceira hipótese, o número substancial de distinções é dado com base na distinção entre as pessoas do paradigma flexional. No entanto, uma observação se coloca: o faroês e o francês possuem três formas distintas no paradigma, no entanto, apenas a segunda língua tem movimento obrigatório de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup>. Já a quarta hipótese proposta por Roberts necessita, segundo Vikner, ser rediscutida, haja vista que há línguas que têm morfologia de número distinta, como ocorre com o faroês, e não têm movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup>.

Dentre as hipóteses supracitadas, Vikner (1997) decide optar pela quinta formulada por Rohrbacher (1994), que vem apresentada em (10). O autor propõe uma nova versão dessa hipótese, defendendo a inclusão de mais tempos verbais<sup>9</sup> em que a morfologia de pessoa precisa ser distinta em todos eles: “[...] all tenses, not only the present tense, are relevant, as the crucial sign of a strong inflection is that person inflection occurs in every tense.” (VIKNER, op.cit., p. 190).

(10) *The paradigm-verb raising correlate*

A language has V<sup>o</sup>-to-I<sup>o</sup> movement if and only if in at least one number of one tense of the regular verbs, the person features [1st] and [2nd] are both distinctively marked.

Ademais, analisando a flexão de tempo e concordância, o autor também reanalisa as seguintes hipóteses:

- (11) 1<sup>a</sup>) Movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> se e somente se a flexão para tempo e concordância co-ocorre;  
 2<sup>a</sup>) Movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> se e somente se a flexão para pessoa e tempo co-ocorre;  
 3<sup>a</sup>) Movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> se e somente se o tempo nunca ocorre sem pessoa;  
 4<sup>a</sup>) Movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> se e somente se todos os tempos são flexionados para pessoa.

Em sua discussão sobre cada hipótese em particular, o autor observa que a primeira hipótese não é adequada. Em faroês, por exemplo, apesar de co-ocorrer morfologia de tempo e concordância no passado, não há movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup>.

Quanto à segunda hipótese, não pode ser estendida a todas as línguas. Por exemplo, no ídiche em que não há morfologia de tempo e, conseqüentemente, não há co-ocorrência com a morfologia de pessoa, é permitido o movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup>. Similar a essa hipótese, a terceira também não é satisfatória, tendo em vista que o ídiche tem movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> apesar de não possuir morfologia de tempo.

<sup>9</sup> Os tempos verbais a que se refere Vikner incluem apenas as formas flexionadas de verbos regulares principais.

Quanto à quarta hipótese relativa ao movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> se e somente se todos os tempos são flexionados para pessoa, Vikner (1997)<sup>10</sup> formula uma explicação alternativa ao defender que línguas SVO que possuem esse movimento têm morfologia de pessoa presente em todos os tempos verbais. Essa hipótese é confirmada a partir de alguns dados diacrônicos do inglês discutidos pelo autor em que o movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> era possível no inglês medieval dos séculos XIV e XV (cf. (12)). Por outro lado, deixando de existir a morfologia de pessoa em todos os tempos verbais no inglês do século XVI, esse movimento é bloqueado (cf (13)). Vejamos, portanto, em (14) os paradigmas flexionais do verbo *to hear* “ouvir” conjugado no presente e no pretérito

- (12) The Turkes [...] made *anone* [grifo meu] reddy a grete ordonnaunce  
 The Turkes            made at once ready a great number of weapons  
 (= The Turkes at once set up a great number of weapons)  
 “Os turcos imediatamente levantaram um grande número de armas.”  
 (1482, Kaye: *The Delectable Newesse of the Glorious Victorye of the Rhodyans agaynest the Turks*, de Gray (1985 apud VIKNER, 1997, p. 202))
- (13) We *immediately by our senses* [grifo meu] perceive in Fire its Heat and Colour  
 “Nós imediatamente por nossas sensações percebemos em Fogo seu Calor e Cor”  
 (1690, John Locke: *Na essay concerning humane understanding*, from the entry *immediately*, Simpson e Weiner (1989 apud VIKNER, loc. cit.))

(14)

LATE MIDDLE ENGLISH		EARLY MODERN ENGLISH	
PRESENT	PAST	PRESENT	PAST
I here	herd	I hear	<i>heard</i>
thou herest	herdest	thou hearst	<i>heardst</i>
he hereth	herde	he heareth	<i>heard</i>
we here(n)	herde(n)	we hear(en)	<i>heard(en)</i>
ye here(n)	herde(n)	ye hear(en)	<i>heard(en)</i>
<i>thei here(n)</i>	<i>herde(n)</i>	<i>thei hear(en)</i>	<i>heard(en)</i>

**Tabela 2:** Paradigmas verbais do inglês medieval e moderno no presente e no pretérito extraídos de Vikner (1997)

Vikner observou que, no inglês medieval, os tempos verbais presente e pretérito são flexionados para pessoa, ocorrendo, como é esperado, o movimento visível de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup>, conforme apresentado em (12). Rohrbacher (1994), ao analisar também os paradigmas acima, chega a concluir que os traços de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoa são distintos no inglês medieval no tempo presente, ao passo que no inglês moderno não ocorre tal distinção em virtude de a forma da primeira pessoa do singular ser semelhante à forma infinitiva, o que implica considerar a ausência de movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> (cf. (13)).

Assumindo a proposta de Vikner (1997) discutida nesta seção, somos levados a concluir que a morfologia de flexão verbal se enfraquece à medida que a distinção morfológica entre as pessoas do paradigma vai sendo perdida em todos os tempos verbais. Portanto, numa língua como o inglês, o dinamarquês e o faroês, em que não é possível estabelecer distinção entre as pessoas do paradigma verbal em todos os tempos, não ocorre movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup>

<sup>10</sup> “[...] where the Rohrbacher analysis asks ‘Is there a tense where 1st and 2nd person are distinctively marked in singular or plural?’ the analysis advocated here asks ‘Are all tenses inflected for person?’ In both cases a positive answer entails the presence of V<sup>o</sup>-to-I<sup>o</sup> movement” (VIKNER, 1997, p. 201)

como esperado. Vejam-se os paradigmas em (15) extraídos de Vikner (1997, p. 191), em que é conjugado o verbo *ouvir* no presente e no pretérito nessas três línguas, respectivamente:

(15)a.

PRESENTE	INGLÊS	DINAMARQUÊS	FAROÊS
1ª p. sing.	I hear	jeg hører	eg hoyri
2ª p. sing.	You hear	du hører	tú hoyrir
3ª p. sing.	He hears	han hører	Hann hoyrir
1ª p. pl.	We hear	vi hører	Vit hoyra
2ª p. pl.	You hear	I hører	tit hoyra
3ª p.pl	They hear	de hører	tey hoyra

**Tabela 3:** Conjugação no tempo presente do verbo “ouvir” no inglês, dinamarquês e faroês

(15)b.

PRETÉRITO	INGLÊS	DINAMARQUÊS	FAROÊS
1ª p. sing.	I hear-d	jeg hør-te	eg hoyr-d-i
2ª p. sing.	You hear-d	du hør-te	tú hoyr-d-i
3ª p. sing.	He hear-d	han hør-te	Hann hoyr-d-i
1ª p. pl.	We hear-d	vi hør-te	Vit hoyr-d-u
2ª p. pl.	You hear-d	I hør-te	tit hoyr-d-u
3ª p.pl	They hear-d	de hør-te	tey hoyr-d-u

**Tabela 4:** Conjugação no tempo pretérito do verbo “ouvir” no inglês, dinamarquês e faroês.

Analisando, agora, os paradigmas do PB e do PE, seguindo a hipótese de Vikner (1997), argumentamos que em todos eles a morfologia flexional é rica pelo fato de a morfologia de pessoa estar presente em todos os tempos, o que implica dizer que há movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup>. Observem-se os paradigmas abaixo em que é conjugado o verbo *cantar* no presente do indicativo (cf. (16)) e no pretérito perfeito<sup>11</sup> simples do indicativo (cf. (17)):

(16)

PB	PE
Eu canto	<i>Eu canto</i>
-----	<i>Tu cantas</i>
Você/ ele(a)/ a gente canta	<i>Você/ ele(a)/ a gente canta</i>
Nós cantamos	<i>Nós cantamos</i>
-----	-----
Vocês/ eles(as) <i>cantam</i>	<i>Vocês/ eles(as) cantam</i>

**Tabela 5:** Paradigmas de flexão verbal no presente do indicativo em PB e PE

PB	PE
Eu cantei	Eu cantei
-----	Tu cantaste
Você/ ele(a)/ a gente cantou	Você/ ele(a)/ a gente cantou

<sup>11</sup> Vale dizermos que não conjugamos o verbo no pretérito imperfeito no PB e no PE por razões relacionadas ao fato de que “nem sempre o Imperfeito apresenta características de tempo relativo a um ponto de perspectiva temporal do passado [...] mas [...] pode expressar modalidade.” (OLIVEIRA, 2003, p. 157)). Contrariamente ao pretérito perfeito, o imperfeito pode ocorrer com um advérbio com leitura temporal de futuro como *Amanhã*, indicando que “o ponto de perspectiva temporal é um tempo posterior ao da enunciação[...].” (OLIVEIRA, loc. cit.).

(17)	Nós cantamos	Nós cantamos
	-----	-----
	Vocês/ eles(as) cantaram	Vocês/ eles(as) cantaram

**Tabela 6:** Paradigmas de flexão verbal no pretérito em PB e PE

Nos paradigmas acima, por exemplo, é possível distinguirmos a primeira pessoa do singular das demais a partir da especificação gramatical fornecida pelos morfemas, ao contrário do que ocorre no inglês moderno, em que a primeira pessoa do singular no presente do indicativo é idêntica à forma infinitiva. Nesse sentido, argumentamos a favor de uma análise unificada para o PB e o PE: ambas têm morfologia de pessoa em todos os tempos, logo, há movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup>.

Partindo dos testes tradicionais de posicionamento de advérbios de VP e de quantificadores flutuantes nas estruturas frasais, assumimos com Costa e Galves (2002) que há movimento de subida do verbo no PB e no PE (cf. as frases em (18) e (19) extraídas de Costa e Galves (op. cit.). Esses advérbios e quantificadores podem ocorrer entre o verbo e o seu complemento, servindo de evidência empírica, à semelhança do francês, de que o verbo se move para fora do VP:

- (18)a. O João beija *freqüentemente* a Maria.  
b. As crianças beijam *todas* a Maria.

- (19)a. Jean embrasse *souvent* Marie.  
“O João beija *freqüentemente* a Maria.”  
b. Mes amis aiment *tous* Marie.  
“Meus amigos amam *todos* a Maria.”

De mais a mais, línguas como o islandês e o ídiche comportam-se de forma similar ao PB e ao PE no que concerne ao movimento obrigatório de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> em frases declarativas finitas, tal como pode ser observado nas frases em (20a) analisadas por Vikner (1997, p. 189). Em virtude de haver flexão de pessoa em todos os tempos nessas três línguas, elas se diferenciam de línguas como o inglês, o dinamarquês e o faroês que não têm movimento visível de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup>. (cf. (21a')):

- (20)a. *Islandês*: Að Jón borðar oft tómata.  
*Ídiche*: Az Jonas est oft pomidorn.  
“Aquele João come *freqüentemente* tomates.”

- a'. *Islandês*: \*Að Jón oft borðar tómata.  
*Ídiche*: \*Az Jonas oft est pomidorn.  
“Aquele João *freqüentemente* come tomates.”

- (21)a. *Inglês*: That John often eats tomatoes. (surprises most people)

*Dinamarquês*: At Johan ofte spiser tomaten. (overrasker de fleste)

*Faroês*: At Jón oft boroar tómata. (kemur flestum á óvart)

“Aquele João freqüentemente come tomates.”

a'. *Inglês*: \*That John eats often tomatoes. (surprises most people)

*Dinamarquês*: \*At Johan spiser ofte tomaten. (overrasker de fleste)

*Faroês*: \*At Jón etur ofta tómatir. (kemur óvart á tey flestu)

“Aquele João come freqüentemente tomates.”

Em suma, com base nas assimetrias acima apresentadas entre línguas com movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> e aquelas que não o possuem, chegamos à conclusão de que o PB e o PE estão incluídos no primeiro grupo de línguas em virtude de terem morfologia flexional rica, uma consequência de a morfologia de pessoa estar presente em todos os tempos verbais.

A seguir, vejamos os exemplos (22) e (23):

(22)a. O Pedro provavelmente viu a Maria.

b. Os meninos todos viram a Maria.

(23)a. O Pedro viu provavelmente a Maria.

b. Os meninos viram todos a Maria.

Poderíamos pensar, à primeira vista, que a possibilidade de o advérbio e o quantificador flutuante ora ocuparem a posição pré-verbal (cf. (22)), ora a posição pós-verbal (cf. (23)) seria evidência de que o movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> na gramática do PB e do PE é opcional. No entanto, Costa e Galves (2002) apresentam argumentos convincentes à não-opcionalidade:

a) posição de advérbios como *bem* e *atentamente* só são legitimados em posição pós-verbal:

(24)a. \*O Pedro bem/ atentamente leu o livro.

a'. O Pedro leu bem/ atentamente o livro.

b) posição do verbo entre dois advérbios (cf. (15c)), ou entre um quantificador flutuante e um advérbio (cf. (15a) e (15b)):

(25)a. Os meninos todos beijam frequentemente a Maria. (OKPE ??PB)

b. Os meninos frequentemente beijam todos a Maria. (OKPE \*PB)

c. Os meninos ontem leram bem o livro (OKPE OKPB)

c) posição distinta para advérbios que são ambíguos entre uma leitura de modo e uma leitura orientada para o sujeito:

(26)a. O Pedro atentamente leu o livro. (Orientado para o sujeito/ \*Modo)

b. O Pedro leu atentamente o livro. (\*Orientado para o sujeito/ Modo)

Portanto, face às evidências apresentadas de (24) a (26), somos levados a assumir com Costa e Galves (2002) que o movimento do verbo é obrigatório na gramática do PB e do PE. Assumindo a cisão da categoria funcional IP em AgrP e TP, a questão que se ergue é saber para que núcleo flexional o verbo se move nessas línguas: se para Agr<sup>o</sup>, à semelhança do francês, ou para T<sup>o</sup>. Conforme será discutido na próxima seção, apresentaremos evidências, a partir da

pesquisa de Galves (2001), Costa e Galves (2002) e Brito (2001), de que o verbo não se move para o núcleo funcional mais alto, mas para em T°, o que culmina no movimento curto do mesmo, ao contrário do que é defendido por Figueiredo Silva (1996) para o PB.

### Evidências para Movimento Curto de V°-para-T° no Português Brasileiro e no Português Europeu

Conforme já evidenciado na seção anterior, há movimento do verbo na sintaxe do PB e do PE em frases declarativas, sendo a causa motriz desse movimento o fato de a morfologia de pessoa estar presente em todos os tempos verbais. A questão não explorada até o momento diz respeito ao lugar de pouso do verbo nessas línguas.

Costa e Galves (2002), ao argumentarem que o verbo não se move opcionalmente na sintaxe do PB e do PE, observam que advérbios como *inteligentemente*, quando possuem leitura orientada para o sujeito, necessariamente rompem a adjacência entre o sujeito e o verbo nessas línguas, ao passo que, possuindo esse mesmo advérbio leitura de modo, ele deve seguir o verbo, ao contrário do francês. Nessa última língua, esse tipo de advérbio, ao romper a adjacência entre o verbo e o objeto, possui os dois tipos de leitura indistintamente (cf. (2)):

(1)a. O Pedro *inteligentemente* leu o livro. (leitura orientada para o sujeito/ \*leitura de modo)

b. O Pedro leu *inteligentemente* o livro. (\*leitura orientada para o sujeito/ leitura de modo)

(2) Pierre lit *intelligemment* le livre. (leitura orientada para o sujeito/ leitura de modo)<sup>12</sup>  
(COSTA; GALVES, op. cit., p. 112-113)

Assumindo com Costa (1998) que advérbios com leitura orientada para o sujeito estão adjungidos à projeção TP e que advérbios de modo estão adjungidos ao VP, fica evidenciado que em (1) o verbo se move até o núcleo T°. Já no francês, tendo em vista a ambigüidade entre a leitura de orientação para o sujeito e a leitura de modo do advérbio que segue obrigatoriamente o verbo, este se encontra no núcleo mais alto da frase, nomeadamente, Agr°. Com base nisso, vejamos as seguintes configurações sintáticas em (3a) e (3b) propostas por Costa e Galves (op. cit., p. 113) para o português e o francês, respectivamente:

(3)a. *Portuguese*:

[AgrSP S [TP Adv<sub>SO</sub> [TP V [VP Adv<sub>Manner</sub>

b. *French*<sup>13</sup>:

[AgrSP S V [TP Adv<sub>SO</sub> [TP t<sub>v</sub> [VP Adv<sub>Manner</sub>

Evidência adicional para o movimento curto do verbo no PB e no PE tem a ver com a assimetria constatada entre essas línguas e o italiano. Nessa última, Costa e Galves (2002),

<sup>12</sup> Grifo dos autores da citação.

<sup>13</sup> Citando Williams (1994), Costa e Galves (2002) verificam que as duas posições disponíveis para o advérbio *intelligemment* ora em adjunção a TP, ora em adjunção ao VP, ganham suporte empírico quando a negação está presente nas frases declarativas nessa língua. A presença desse constituinte na frase cessa a ambigüidade entre a leitura com orientação para o sujeito e a leitura de modo, como mostrado a seguir:

(i)a. Pierre ne lit *intelligemment* pas le livre. (Subject-oriented/ \*Manner)

b. Pierre ne lit pas *intelligemment* le livre. (\*Subject-oriented/ Manner)  
“O Pedro não lê *inteligentemente* o livro.”

citando Belletti (1990), observam que quantificadores indefinidos como *Nessuno* (“ninguém”) só podem ser legitimados na posição pré-verbal se recebem uma entoação especial, ou seja, se são marcados como focos. Não obstante, no PB e no PE, esses quantificadores não estão submetidos a esse tipo de restrição. A falta de adjacência atestada em (4) em ambas as línguas difere da que é encontrada no italiano. Nessas línguas, advérbios como *provavelmente* e *possivelmente* rompem a adjacência entre o sujeito e o verbo (cf. (4)), ao contrário do italiano (cf. (5)):

(4)a. Ninguém provavelmente falhou.

(COSTA; GALVES, 2002, p. 111)

b. Ninguém provavelmente fica em casa o dia todo.

c. Alguém possivelmente terá achado a solução.

(GALVES, 2001, p. 109)

(5) \**Nessuno* probabilmente ha sbagliato.

“Ninguém provavelmente falhou.”

(COSTA; GALVES, loc. cit.)

Portanto, se o verbo para em T<sup>o</sup>, fica explicada a falta de adjacência entre o sujeito e o verbo nas frases em (4), bem como fica evidenciado, por um lado, que o traço-V de T é forte em ambas as línguas, o que motiva o movimento curto do verbo. No francês, por outro lado, o traço-V de Agr é forte e, portanto, o verbo sobe até esse núcleo funcional para a verificação desse traço.

### Considerações finais

Partindo do que foi exposto neste artigo, defendemos que a assimetria atestada entre a gramática do PB e a do PE tem como *locus* de variação a natureza distinta de AGR, tomando por base a proposta de Galves (2001). A partir da análise comparativa entre essas línguas, ficou evidenciado que a primeira língua, embora apresente algumas propriedades de línguas não-*pro-drop* (por exemplo: o inglês e o francês), ainda compartilha algumas propriedades com o PE: a) possível legitimação de sujeitos nulos referenciais ainda que com pouca frequência; b) possibilidade de o argumento interno nas construções passivas e inacusativas permanecer em sua posição de base e c) possibilidade de ocorrência de DPs pós-verbais definidos e indefinidos em construções inacusativas. Essas evidências, portanto, levam-nos a assumir que o PB é uma língua semi-*pro-drop*, o que põe em questão a binaridade do parâmetro do sujeito nulo (RIZZI, 1988, 1997).

Seguindo a análise desenvolvida por Vikner (1997), foi possível argumentarmos a favor da ideia de que morfologia rica que licencia e identifica sujeitos nulos, conforme assumido por Rizzi (1982, 1988, 1997), não tem a ver com morfologia rica que motiva o movimento de V<sup>o</sup>-para-I<sup>o</sup> na sintaxe. Embora o AGR do PB seja pobre em relação ao do PE, se adotada a análise de Galves (op. cit.), ambas as línguas possuem esse movimento, uma análise que pode ser estendida ao francês que, embora tenha uma morfologia flexional pobre, possui obrigatoriamente esse movimento (Cf. POLLOCK, 1989), um fato que decorre de a morfologia de pessoa estar presente em todos os tempos verbais, seguindo a proposta de Vikner (op.cit.).

### Referências



- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E. Parametrizing AGR: word order, V-movement and EPP-checking. **Natural Language and Linguistic Theory**, n. 16, p. 491-539, 1998.
- AMBAR, M. M. **Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português**. 1992. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- BELLETTI, A. The case of unaccusatives, **Linguistic Inquiry**, v. 19, n. 1, p. 1-34, 1988.
- BRITO, A. M.. Clause structure, subject positions and verb movement about the positions of *sempre* in European Portuguese and Brazilian Portuguese. In: D’HULST, Y. et al. (Eds.). **Current Issues in Linguistic Theory**. Amsterdam, Philadelphia : Jonh Benjamins Publishing Company, 2001. p. 63-85.
- \_\_\_\_\_; DUARTE, I.; MATOS, G.. Estrutura da frase simples e tipos de frases. In: MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. rev. aum. Lisboa : Caminho, 2003, p. 433-506.
- BURZIO, L. **Italian syntax. A government-binding approach**. Dordrecht, Reidel : Kluwer Academic, Publishing Company, 1986.
- CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht : Foris Publications, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Knowledge of language: its nature, origin and use**. London : Praeger Publishers, 1986.
- \_\_\_\_\_. Some notes on economy of derivation and representation. In: FREIDEN, Robert (Ed.). **Principle and parameters in comparative grammar**. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1991. p. 417-454.
- COSTA, J. **O comportamento de sujeitos e complementos em português europeu**. Maceió: UFAL, set. 2000.
- \_\_\_\_\_; GALVES, C. External subjects in two varieties of Portuguese evidence for a non-unified analysis. In: BEYSSADE, C. et al. **Romance languages and linguistic theory 2000**, Utrecht, 30 November-2 December. v. 232. Amsterdam; Philadelphia : John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 109-125.
- DUARTE, M. E. L. The loss of the ‘avoid pronoun’ principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). **Brazilian Portuguese and the null subject parameter**. Madrid : Iberoamericana, 2000, p. 17-36.
- FIÉIS, M. A.. **Ordem de palavras, transitividade e inacusatividade**: reflexão teórica e análise do português dos séculos XIII a XVI. 2003. Dissertação (Doutoramento em Linguística) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A posição sujeito no português brasileiro**: frases finitas e infinitivas. Campinas : Ed. da UNICAMP, 1996.
- GALVES, C. C. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas, SP : Ed. da UNICAMP, 2001.
- GONÇALVES, M. F. H. S. L. **Para uma redefinição do parâmetro do sujeito nulo**. 1994. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- KATO, M. A. A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil. **Fórum Lingüístico**. Florianópolis, Pós-graduação em Linguística, UFSC, 1999. p. 1-21. (no prelo)
- LOBO, M. **O gerúndio flexionado e as categorias funcionais**. *Paper*. Universidade Nova de Lisboa, 6. mai. 2004, p. 1-22.
- OLIVEIRA, F. Tempo e aspecto. In: MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. rev. aum. Lisboa : Caminho, 2003, p. 127-178.
- OLIVEIRA, M. de. The pronominal subject in Italian and Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). **Brazilian Portuguese and the null subject parameter**. Madrid : Iberoamericana, 2000, p. 37-53.
- POLLOCK, J. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, v. 20, n. 3, p. 365-424, 1989.

PRATAS, F. **Expletive *pro* and overt verbal agreement morphology**: (counter-) evidence from Capeverdean. In: 14<sup>TH</sup> COLLOQUIUM ON GENERATIVE GRAMMAR, 2004, Porto. Handout..., Porto, 2004, p. 1-14.

RAPOSO, E. P. **Teoria da gramática**: a faculdade da linguagem. Lisboa : Caminho, 1992.

RIZZI, L. **Issues in Italian Syntax**. Dordrecht : Foris, 1982.

\_\_\_\_\_. Null subjects in Italian and the theory of *pro*. **Linguistic Inquiry**, v. 17, n. 3, p. 501-558, 1986.

\_\_\_\_\_. A parametric approach to comparative syntax : properties of the pronominal system. HAEGEMAN, L. (Ed.). **The New Comparative Syntax**. London, New York : Longman, 1997. p. 268-285.

SILVA, C. R. T. **A natureza de AGR e suas implicações na ordem VS: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu**. [Tese de doutorado em Lingüística] – Universidade Federal de Alagoas, 2004.

TORRES MORAES, Maria Aparecida C. R. EPP generalizado, sujeito nulo e línguas de configuração discursiva. In: MIOTO et al. (Orgs.). **Letras de hoje**. Rio Grande do Sul : EDIPUCRS, 2003.

VIKNER, S. V<sup>o</sup>-to-I<sup>o</sup> movement and inflection for person in all tenses. In: HAEGEMAN, L. (Ed.) **The New Comparative Syntax**. London, New York : Longman, 1997. p. 189-213.